

A guerra no Iraque não foi um equívoco ou deslize. Foi um crime

O Tony Blair está condenado. No passado, assistimos a branqueamento de capitais: desde Bloody Sunday até Hillsborough, o oficialismo conspirou repetidamente para sufocar a verdade no interesse dos poderosos. Mas não desta vez. O inquérito Chilcot estava se tornando uma palavra de ordem satírica por demorar tanto tempo a executar uma tarefa; mas Sir John irá certamente ficar na história por ter proferido o veredicto mais abrangente e devastador sobre qualquer primeiro-ministro moderno.

Aqueles de nós que marcharam contra a calamidade do Iraque não podem sentir qualquer justificação, apenas miséria por não termos conseguido evitar uma catástrofe que roubou centenas de milhares de vidas – as de 179 soldados britânicos entre eles – e que feriu, traumatizou e deslocou milhões de pessoas: uma catástrofe que gerou extremismo a uma escala catastrófica.

Um legado de Chilcot deveria ser encorajar-nos a sermos mais ousados a desafiar a autoridade, a sermos céticos em relação às reivindicações oficiais, a permanecermos firmes contra uma agenda agressiva conduzida pelos meios de comunicação social. As lições devem ser aprendidas, os apoiantes da guerra irão agora declarar. Não deixe que eles se safem com isso. As lições eram óbvias para muitos de nós antes das bombas começarem a cair.

Pois o que Chilcot tem feito é ilustrar que as afirmações do movimento antiguerra não eram teorias da conspiração, nem afirmações rebuscadas, de olhos selvagens. “Cada vez mais, nós parecemos ter um governo que está procurando um pretexto para a guerra em vez de sua evasão,” declarou o deputado

trabalhista antiguerra Alan Simpson semanas antes da invasão. E de fato, como Chilcot revelou, Blair tinha dito a George W. Bush em julho de 2002: “Eu estarei com você, tanto faz”.

Esta, como diz Chilcot, não foi uma guerra de “último recurso”: foi uma guerra de escolha, desencadeada “antes que as opções pacíficas de desarmamento se esgotassem”. disse Simpson: “Parece que produzimos dossiês de decepção em massa, cujas alegações são descartadas como risíveis quase tão logo são liberadas. E agora Chilcot concorda que a guerra foi realmente baseada em “inteligência e avaliações defeituosas” que não foram “contestadas, e elas deveriam ter sido”. Nelson Mandela estava entre aqueles que, no período que antecedeu a guerra, acusaram Blair e Bush de prejudicar as Nações Unidas. Mandela repousa vingado. Como diz Chilcot: “Consideramos que o Reino Unido estava... minando a autoridade do Conselho de Segurança”.

Tantas advertências. Um mês antes da invasão, o senador americano Gary Hart disse que a guerra aumentaria o risco de terrorismo. “Vamos abrir um ninho de vespas e não estamos preparados neste país”, alertou.

Considere isto, a partir do site antiguerra Dissident Voice, um mês antes do conflito: “Um ataque dos EUA e a subsequente ocupação do Iraque proporcionarão nova inspiração – e novas forragens para recrutamento – para a Al Qaeda ou outros grupos terroristas, e estimularão um maior risco de terrorismo a longo prazo, seja em solo americano ou contra cidadãos americanos no exterior”. Não é para menosprezar os autores ao salientar que esta foi uma declaração do óbvio, exceto para os responsáveis pela guerra e suas cheerleaders. Em seguida, leia Chilcot: “Blair foi avisado de que uma invasão aumentaria a ameaça terrorista da Al Qaeda e de outros grupos”.

O ex-primeiro-ministro afirmou que as terríveis consequências só eram óbvias em retrospectiva, mas a Christian Aid alertou para “o caos e o sofrimento significativos no Iraque muito

depois do fim dos ataques militares”. Uma agência de ajuda teve muito melhor previsão do que o general sênior que – em um bate-papo off-the-record em que participei na universidade – alegou que 99% do Iraque estaria jogando flores nos soldados invasores. Como disse Chilcot, o governo “não levou em conta a magnitude da tarefa de estabilizar, administrar e reconstruir o Iraque”.

A afirmação ridícula de Blair está errada: como diz Chilcot, “as conclusões a que chegou Blair após a invasão não exigiram o benefício da retrospectiva”. Quando Robin Cook se demitiu do gabinete antes da invasão, ele declarou que “o Iraque provavelmente não tem armas de destruição em massa no sentido comumente entendido do termo”. Chilcot agora condenou os serviços de inteligência por pensar de outra forma.

A Campanha pelo Desarmamento Nuclear ameaçou um desafio legal contra o governo em 2002 se este entrasse em guerra sem uma segunda resolução do conselho de segurança. Vários advogados e Kofi Annan, o então secretário geral da ONU, estão entre aqueles que desde então descreveram a invasão como ilegal.

O conselho original do procurador-geral do Reino Unido, Lord Goldsmith, era, de fato, que uma guerra sem uma segunda resolução seria ilegal, mas Chilcot salienta o fato de que, quando Goldsmith fez uma declaração oral subsequente, parece, misteriosamente, ter mudado de ideias.

A legalidade da guerra pode não ter sido da competência de Chilcot. Mas, mesmo assim, ele acha que o processo pelo qual o governo chegou à sua base legal “não foi satisfatório”. Certamente a legalidade desta guerra calamitosa deve agora ser contestada em um tribunal.

Sempre dissemos que a guerra do Iraque se baseava em mentiras. Ler artigos anteriores à guerra, tais como “As mentiras que nos dizem sobre o Iraque” no Los Angeles Times, é realmente instrutivo. O relatório Chilcot não acusou Blair de mentir.

Mas demasiada ênfase é colocada nesta questão. Blair estava claramente determinada a ir para a guerra com muita antecedência. Ele se baseou em provas duvidosas para fazer seu caso, provas de que outros na época sabiam ser duvidosos. Será que ele se enganou a si mesmo, ou ao público, ou ele foi apenas impulsionado pela justiça de um complexo de messias? Prosseguiu uma guerra com uma perspectiva duvidosa que muitos à altura – incluindo 139 deputados trabalhistas – sabiam que resultaria num desastre. E isso já é suficientemente condenatório.

Vamos louvar o inquérito Chilcot por dar o selo oficial às verdades que sempre soubemos, mas saibamos que isso é tudo o que ele fez. As verdades que expôs já lá estavam, muito antes de as portas do inferno terem sido abertas – como o Secretário-Geral da Liga Árabe avisou que aconteceria, antes da invasão.

Foi a obviedade do que ia acontecer que criou o maior movimento antiguerra da história. Foi um movimento menosprezado, não menos importante pela mídia, que apoiou em grande parte a corrida para a guerra. Como foi perverso que aqueles que se opuseram ou criticaram a guerra – dos políticos aos patrões da BBC – foram os únicos a perder os seus empregos, enquanto Blair tem desde então prosseguido a sua carreira lucrativa trabalhando para ditadores.

Muito cheerleaders desta grande catástrofe ainda mostram pouco remorso ou penitência. Alguns até incomodaram o líder trabalhista, Jeremy Corbyn – que fez campanha contra o apoio britânico a Saddam Hussein, quando ele gaseou os curdos na década de 1980, e contra a invasão de 2003 – ao dar hoje a sua resposta parlamentar a Chilcot.

E o horror continua, os 250 iraquianos mortos pelos bombardeios de automóveis este fim-de-semana são uma recordação devastadora do caos pelo qual Blair tem de assumir a responsabilidade. Não foi um erro, não foi um erro, não foi

um erro, não foi um erro: seja o que for que a lei que decida, este foi – de qualquer ponto de vista moral – um dos crimes mais graves do nosso tempo. Os responsáveis serão condenados para sempre. Depois de hoje, podemos distingui-los – e chamá-los pelo nome.

Original: [The Guardian](#)